

BÍBLIA

- nº 1 – Instrumento para o estudo da Bíblia
- nº 2 – Pelos Frutos os Conhecereis

CELEBRAÇÕES

- nº 1 – Natal, cantos e contos

DOCUMENTOS

- nº 1 – Plano para a Vida e a Missão da Igreja
- nº 2 – Eleições 1994
- nº 3 – Relatório do Colégio Episcopal
- nº 4 – Plano Nacional: Ênfases e Diretrizes & Mensagem da Igreja Metodista à Nação Brasileira
- nº 5 – Eleições 1998
- nº 6 – Manual de Disciplina
- nº 7 – Código de Ética Pastoral
- nº 8 – Dizimo
- nº 9 – Diretrizes Pastorais: Ação Missionária Indigenista
- nº 10 – Credo Social
- nº 11 – Diretrizes para a Ação Missionária na Questão da Terra
- nº 12 – Plano Nacional: Objetivos e Metas

METODISMO

- nº 1 – As Marcas Básicas da Identidade Metodista (3ª edição)
- nº 2 – Missão, Organização e Agentes do Metodismo
- nº 3 – O Caminho do Discipulado: de Jesus a nós

MINISTÉRIOS

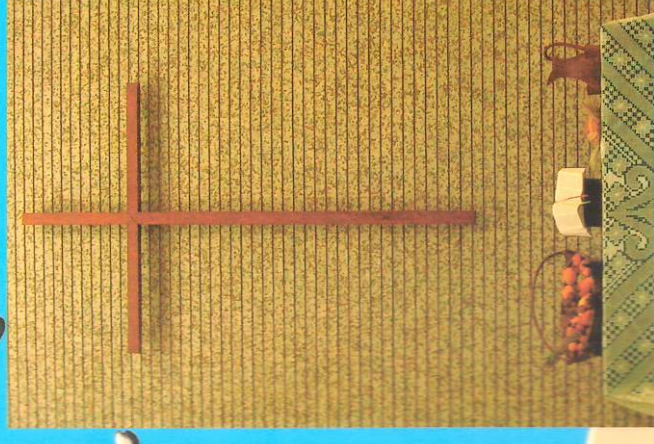
- nº 1 – Os Juvenis: Descobrimo um Grupo de Jovens
- nº 2 – AIDS: Desafio Pastoral e Solidariedade
- nº 3 – Estive Preso e Fostes Ver-me
(Manual Prático para o Ministério Cristão Carcerário)
- nº 4 – Atividade e Sexualidade

PASTORAIS

- nº 1 – Carta Pastoral sobre o Batismo
- nº 2 – Carta Pastoral sobre a Ceia do Senhor
- nº 3 – Carta Pastoral sobre Sexualidade
- nº 4 – Carta Pastoral sobre Ecumenismo
- nº 5 – Carta Pastoral sobre a Aliança com Deus
- nº 6 – Carta Pastoral sobre a Maçonaria
- nº 7 – Carta Pastoral sobre Jejum – o caminho da disciplina
- nº 8 – Carta Pastoral sobre os Sacramentos
- nº 9 – Carta Pastoral sobre Dons e Ministérios
- nº 10 – Carta Pastoral Testemunhar a Vitalidade do Evangelho
- nº 11 – Pastoral da Criança
- nº 12 – Carta Pastoral Testemunhar o Ardor da Missão
- nº 13 – Carta Pastoral Testemunhar a Alegria e a Esperança do Serviço
- nº 14 – Carta Pastoral Servos, Servas, Sábios, Santos, Solidários, Solidárias

DISCIPULADO

- nº 1 – Manual do Discipulado
- nº 2 – Pecado e Salvação
- nº 3 – Senhorio de Cristo
- nº 4 – Aspectos bíblicos e conceitualização do discipulado
- nº 5 – Caráter Cristão



O Culto da Igreja em Missão



O Culto na Igreja em Missão

Carta Pastoral do Colégio Episcopal
à Igreja Metodista

Carta Pastoral: O Culto na Igreja em Missão

Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Biblioteca Vida e Missão, Pastorais, n.º 15

1ª edição – fevereiro de 2006 – 3.000 exemplares

Colégio Episcopal

Bispo João Alves de Oliveira Filho - *Presidente do Colégio Episcopal*

Bispo João Carlos Lopes - *Vice-Presidente do Colégio Episcopal*

Bispo Josué Adam Lazier - *Secretário do Colégio Episcopal*

Bispo Adolfo Evaristo de Souza

Bispo Adriel de Souza Maia

Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa

Bispa Marisa de Freitas Ferreira Coutinho

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

Secretário Executivo do Colégio Episcopal

Rev. Stanley da Silva Moraes

Assessoria de Comunicação

Profa. Keila Guimarães

Márcio Araujo Olivério

Colaboradores

Rev. Dr. Rui de Souza Josgrilberg, Rev. Luiz Carlos Ramos,

Rev. Ronan Boechat Amorim, Rev. Dr. Messias Valverde,

Rev. Luciano José de Lima, Revda. Suelly Xavier dos Santos

Sede Nacional da Igreja Metodista

Av. Piassanguaba, 3031

Planalto Paulista – 04060-004 – São Paulo – SP

Fone: (11) 6813.8600 – Fax: (11) 6813.8632

www.metodista.org.br – sede.nacional@metodista.org.br

*Produzido pela Editora Cebra
sob licença da Igreja Metodista*



www.editoracedro.com.br

Associada à CBL



Coordenação editorial

Adipe Miguel Júnior

Sylvia Regina de Mattos Miguel

Assistente editorial

Hideide Brito Torres

Revisão

Wilson André M. Coutinho Jr.

Capa

Tathiana Alves Inocêncio

Editoração

João Francisco Ricardo Baptista

Foto da capa

Adipe Miguel Neto

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	7
Conclusão	25
O calendário litúrgico	27
Indicações de leituras	39
Notas	39

APRESENTAÇÃO

O Colégio Episcopal publicou os “Rituais da Igreja Metodista”. Quando decidiu lançar a sua 2ª edição, aprovou também a publicação da pastoral “O Culto na Igreja em Missão” e do “Calendário Litúrgico”, que é o calendário cristão como assumido pelo povo chamado metodista. Na presente Pastoral, publicamos esses dois documentos, em cuja elaboração o Colégio Episcopal contou com a assessoria de muitos irmãos e irmãs. Destacamos o Rev. Dr. Rui de Souza Josgrilberg, Rev. Prof. Luiz Carlos Ramos, Rev. Ronan Boechat Amorim, Rev. Dr. Messias Valverde, Rev. Luciano José de Lima e Revda. Suely Xavier dos Santos. O Colégio Episcopal registra aqui o reconhecimento pelo trabalho que esses irmãos e irmã realizaram.

É com alegria e gratidão a Deus que encaminhamos esta publicação à Igreja, esperançosos de que ela ajude a vida e o ministério de vocês, como tem ajudado o nosso. Que o Senhor presida a utilização desta Carta e deste Calendário e aja sobre nós no culto que a Ele prestamos como Igreja em Missão.

Fraternalmente, em Cristo,

Bispo João Alves de O. Filho – *Presidente do Colégio Episcopal*

Bispo João Carlos Lopes – *Vice-Presidente do Colégio Episcopal*

Bispo Josué Adam Lazier – *Secretário do Colégio Episcopal*

Bispo Adolfo Evaristo de Souza

Bispo Adriel de Souza Maia

Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa

Bispa Marisa de Freitas Coutinho

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

São Paulo, 07 de fevereiro de 2006.

INTRODUÇÃO

O que nos move para o culto, no culto e na missão

O culto é a fonte e o ápice da missão. Como Igreja, entramos no culto para adorar e saímos para servir. Não há Igreja se não houver adoração e serviço. A importância do culto na vida da Igreja é inquestionável ao nos darmos conta de que passa por ele tudo de importante que, de uma forma ou de outra, o povo de Deus faz.

O culto tem um caráter tão amplo quanto a própria vida da comunidade de fé. Sua expressão está longe de ser simplista. No culto, a Igreja adora a Deus, ora, lê, medita e ouve a pregação da Palavra, rende graças pelos frutos do seu trabalho, celebra o nascimento, o crescimento e a união dos seus filhos e filhas, participa da comunhão eucarística, intercede pelos que sofrem, chora os seus mortos e também se prepara para a missão. Assim, no culto, a igreja se expressa por meio de orações, afirmações de fé, antífonas, litanias e respostas, e também por hinos e música instrumental, por meio do silêncio e da contemplação, e, ainda, por meio de atos e gestos simbólicos e sacramentais. Enfim, as maneiras e formas de expressão são tão variadas quanto é diversa e rica a experiência de fé do povo de Deus.

Na sociedade atual, grandemente influenciada pela mídia, há uma tendência para a simplificação e a superficialização de tudo. Por essa razão, entre outras, tem havido um empobrecimento de vários aspectos do culto. A mais notória dessas

simplificações é a redução da ordem do culto a uma seqüência de cânticos, intercalada por testemunhos de tom individualista, com forte ênfase em certos aspectos do Antigo Testamento, em detrimento do Novo, e baseados numa teologia da retribuição que desconsidera o mais importante princípio teológico da fé protestante: a Graça.

Final de contas, por que vamos ao culto? Enquanto os filhos e filhas de Deus, sensíveis à Sua Graça e conscientes dos valores contidos no Evangelho, vão ao culto para adorar gratuitamente a Deus, outros, por ingenuidade ou ignorância, ou ainda por razões egoístas, procuram os cultos e as igrejas para satisfazerem necessidades e atenderem a interesses pessoais. Sua motivação pode ser a busca de emprego ou de cura, ou para se deleitarem com as bandas de música e os animadores que “ministram” bênçãos. Aqueles que promovem esse tipo de interesse egocentrado pelo culto cometem uma inversão teológica, pois, segundo a palavra de Cristo, deve-se buscar primeiro o Reino de Deus e, então, como decorrência natural, as demais coisas são acrescentadas. Há quem imagine poder buscar primeiro “as demais coisas” na expectativa de que o Reino seja acrescentado como complemento. Mas o Reino não é o complemento, ele é o princípio.

Essa postura invertida está perceptível, inclusive, nas mudanças arquitetônicas que se processam nos templos: o altar – com a mesa da comunhão e o púlpito, que apontava simbolicamente para a centralidade de Deus e de Sua Palavra na vida da Igreja – passou a ser um palco, que coloca no centro os músicos e as “celebridades” da fé.

Nesse aspecto, o profeta Habacuque nos dá uma grande lição de fé. Enquanto muitos vão aos templos para contar as conquistas e privilégios obtidos em nome de sua fé, Habacuque dá seu testemunho, dizendo: “Não há figos na figueira, não há uvas na vide, não há azeitonas na oliveira, nos currais não há gado, minhas ovelhas foram roubadas do aprisco... todavia eu me alegro, e exulto no Deus da minha salvação. O Senhor Deus me faz andar de cabeça erguida” (Hc 3.17ss).

Torna-se, portanto, necessário que o povo de Deus reveja sua caminhada e corrija seu rumo litúrgico. Nesta pastoral, queremos abordar alguns aspectos que fundamentam o culto numa Igreja em missão, com o propósito de preencher uma lacuna na orientação, na preparação, na condução e na celebração dos cultos nas igrejas metodistas, destacando as responsabilidades da liderança da igreja local, sobretudo clériga.

A liturgia do culto e da vida

Semanalmente, a Igreja se reúne para cultuar a Deus, mas poucas vezes pára a fim de refletir sobre o sentido de sua prática e pensar sobre o significado desse ato. Por isso esta pastoral ganha relevância e se torna tão pertinente para a nossa saúde espiritual. É fundamental que todos os membros da Igreja Metodista sejam conscientizados do significado, do conteúdo e das implicações para a missão, que envolvem o culto.

(1) Primeiramente, deve-se ter claro que o centro do culto é Deus. É Ele quem dá o primeiro passo e toma a iniciativa de vir ao nosso encontro. O culto é uma atitude e uma atividade constantes do povo de Deus, que, em comunhão e resposta à iniciativa divina, presta seu serviço de adoração para a Sua honra e glória (At 2.42-47; 26.7). O culto cristão não é um ato programado para satisfazer necessidades de caráter individualista, homenagear qualquer pessoa ou fortalecer qualquer organização terrestre, nem tampouco para cumprir ordens eclesiais, mas sim para glorificar e render graças a Deus na unidade da fé e em espírito e verdade.

(2) Uma segunda compreensão fundamental é que essa comunhão com Deus e com os fiéis, celebrada no culto, prepara a Igreja para a missão. O culto tem uma dimensão horizontal e outra vertical. A dimensão vertical é contemplada pelos atos de piedade realizados pelos filhos e filhas de Deus por meio das orações, das ações de graças, dos louvores, das meditações, da leitura das Escrituras, etc. A dimensão horizontal é

contemplada pelas obras de misericórdia realizadas pela igreja quando ela se abre para a missão e o serviço ao povo, por meio do socorro prestado aos que sofrem as dores do corpo, da alma e do espírito. O culto é, a um só tempo, um chamado e um envio: um chamado à comunhão com Deus e com o Seu povo e um envio para o serviço, especialmente aos mais necessitados. Portanto, o culto é um encontro um diálogo entre Deus e o Seu povo, dos fiéis entre si e da Igreja com o mundo.

(3) Uma terceira compreensão importante é que o culto se desenvolve por meio da liturgia preparada para tal. A Bíblia oferece várias orientações práticas sobre como deve ser o culto. Essas orientações podem ser sintetizadas na palavra do apóstolo que diz: “Tudo seja feito com decência e ordem”. A essa ordem, à qual o texto bíblico se refere, dá-se o nome de liturgia. Liturgia é a palavra bíblica que aparece nos originais gregos (inclusive na Septuaginta, que é a versão grega do Antigo Testamento) para designar o culto público prestado a Deus pelo Seu povo. Por influência da Vulgata, que é a versão da Bíblia para o latim, o uso dos termos *leiturgia*, *leiturgos* e *leitourgeo* foi substituído por seus equivalentes derivados do latim: ministério, ministração, ministrar. Em muitos casos, quando encontramos as palavras portuguesas relativas a ministério, no original grego o termo radical é *leiturgia*. Originalmente, a palavra liturgia designava o oferecimento gratuito que um cidadão fazia no contexto da ordem pública. O Novo Testamento e, mais tarde, a Igreja Cristã em geral passaram a empregar esse termo para designar a ordem do culto público, especificamente a celebração eucarística. Portanto, a palavra liturgia não tem nada a ver com o sentido pejorativo que lhe tem sido atribuído de forma indevida.

(4) Como decorrência da necessidade de ordem, deve-se ter clara a compreensão das partes essenciais do culto cristão, sem as quais este se descaracteriza e deixa de ser culto, e deixa de ser cristão. A estrutura fundamental do culto cristão

é trinitária: (a) num primeiro momento, a igreja se apresenta na presença de Deus, o Pai, para adorá-IO. (b) A santidade de Deus é tamanha que revela as imperfeições humanas de tal modo que todos se reconhecem pecadores e carentes da graça de Deus, que é oferecida na pessoa do Filho: Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Jesus é, também, o Verbo que se fez carne, a Palavra de Deus encarnada, que habita entre nós e dá a Sua vida (Seu corpo e Seu sangue) em favor da humanidade. Assim, a igreja recebe o perdão, ouve a proclamação do Evangelho e realiza o memorial anunciando a morte de Jesus até que Ele venha. (c) Finalmente, pela ação e inspiração do Espírito Santo, a comunidade de fiéis é capaz de compreender a Palavra de Deus, ouvir seu desafio missionário e dispor-se para o serviço ao povo.

De acordo com as Normas do Ritual da Igreja Metodista, o “culto público, promovido pela Igreja, é uma parcela do serviço total do povo de Deus, no qual o Senhor vem ao seu encontro, requer a sua adoração, mostra-lhe o seu pecado, perdoa-lhe quando se arrepende, confia-lhe a sua mensagem e espera sua resposta em fé, gratidão, amor e obediência” (Cânones 202, Parte geral, art. 7º). A Igreja Metodista estabelece, portanto, a seguinte ordem para o culto: Adoração, Confissão, Louvor, Edificação, Ação de Graças e Dedicção. O Pai é glorificado na Adoração, que também nos chama ao arrependimento; a comunidade confessa ao Pai os seus pecados e recebe, pelos méritos do Filho, o perdão; em resposta e gratidão pelo perdão, louva a seu Salvador e dispõe-se para ouvir a Sua Palavra; essa Palavra recorda os atos salvíficos de Deus em Cristo e culmina com o sacramento eucarístico memorial; por fim, movida pelo Espírito Santo, a igreja se dispõe no altar de Deus para cumprir a missão que recebeu de Cristo, bem como apresenta suas orações em favor de todos os que sofrem.

“Portanto, liturgia é o serviço comunitário celebrado pelo povo de Deus por meio da adoração à Trindade e da solidariedade aos da família da fé, bem como a toda a comunidade humana.

Dizendo de outra forma, a liturgia é um diálogo interativo entre Deus e os seres humanos e destes entre si, no contexto celebrativo da fé, na forma de um serviço comunal – comunitário e comunicacional –, porque é prestado por todos e para todos.”

O verdadeiro culto, portanto, é aquele que se evidencia no serviço a Deus, no exercício dos diversos dons e ministérios, no compromisso com a vida e com a dignidade humana, na luta pela paz e pelos mais altos valores da vida, na solidariedade, na vivência do Evangelho e dos valores do Reino de Deus. Em outras palavras, o culto constituído do verdadeiro sentido é aquele que motiva e envia os membros da igreja para o cumprimento da missão.

É necessário que nossa vida seja um culto a Deus para que o nosso culto a Deus tenha vida. O culto na igreja missionária deve levar em conta os vários aspectos da liturgia e se desenvolver de forma organizada, motivadora e inspiradora da missão. Ao participar do culto, o membro da igreja deve se sentir fortalecido, alimentado e preparado para servir a Deus em todos os momentos da vida. A liturgia deve possibilitar que todas as pessoas da comunidade participem de todos os momentos celebrativos.

Assim, a liturgia, ou seja, a ação do povo de Deus durante o culto e em todos os momentos da vida, segue os seguintes momentos de celebração:

Adoração

A adoração é o reconhecimento de Deus e de Sua presença. Ao adorar, a igreja expressa esse reconhecimento, não para satisfazer uma necessidade divina, mas como expressão da necessidade que temos da Sua presença.

A adoração marca o momento do encontro do povo de Deus com seu Senhor. Um encontro espontâneo e cheio de significado. Adoração tem a conotação de “curvar-se”, de “reverência”, de “proteção”, etc. Os homens e mulheres aproximam-se de Deus de forma humilde diante da majestade divina (Gn 24.52;

Confissão

Uma decorrência natural da adoração – que é o encontro com a santidade, a perfeição e a luz de Deus – é o fato de ficarem evidentes as falhas e imperfeições dos adoradores. Diante do que Deus é, percebemos o que deixamos de ser. Isso conduz a um momento de exame de consciência, orientado pela leitura da Palavra de Deus.

Esse momento não deve ser suprimido da ordem do culto, pois, quanto mais atingidos formos pela Graça, e plenos da presença do Espírito Santo, mais convencidos ficamos dos nossos pecados, da justiça e do juízo (cf. Jo 16.8).

Há uma dupla dimensão na confissão: o reconhecimento do pecado individual e o reconhecimento do pecado comunitário (Cf. Is 6.5: “Sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios”). Cabe, portanto, um momento de confissão individual, silenciosa, e uma outra expressão pública de confissão coletiva. Esse momento é acompanhado de uma declaração de perdão, preparando, assim, a congregação para exultar em louvor. Na confissão, o povo fala a Deus sobre seus pecados e ouve a voz amorosa e compassiva do Pai, que, pela mediação de Cristo, nos purifica de toda a iniquidade e de toda a injustiça (cf. 1Jo 1.9).

Louvor

A boa-nova de salvação e do perdão em Cristo motiva o momento do louvor. Se a adoração é a glorificação a Deus

por aquilo que Ele é, no louvor a igreja glorifica a Deus por aquilo que ele faz. O povo de Deus pode louvá-lo de várias maneiras no culto: por meio de orações que expressem gratidão pelos atos salvíficos de Deus em Cristo; por meio de leituras bíblicas (tanto do Antigo quanto do Novo Testamento); por meio de cânticos cujas letras façam referência aos feitos de Deus; por meio de testemunhos que expressem o sentimento dos fiéis em relação à ação de Deus na vida deles; e mesmo por meio de outras expressões artísticas, desde que atendam aos preceitos bíblicos de decência e ordem. Também as ofertas podem ser parte da expressão de louvor, apresentadas no altar como gratidão pelas bênçãos recebidas.

Deus, somente Ele, é o princípio e o fim de toda expressão de louvor. É para Ele, portanto, que esse louvor ou elogio deve ser dirigido. Assim, é preciso evitar a incoerência de se escolher expressões (principalmente cânticos) com base na preocupação de “produzir” resultados emocionais ou físicos, sob o pretexto de curas, libertações, quebrantamentos, etc.

Todos os momentos do culto são oportunos para a manifestação da graça de Deus — a Ceia do Senhor, por exemplo, é reconhecida por nós, metodistas, como um meio de Graça —, inclusive as músicas podem ser veículos para isto. Entretanto, é preciso esclarecer que, quando essas bênçãos ocorrem, elas não são causadas pelos nossos cânticos ou por qualquer obra ou mérito humanos. O cristão e a cristã sinceros amam a Deus, e de várias maneiras expressam esse amor no culto, inclusive por meio da música. De Sua parte, Deus naturalmente recebe essa expressão de amor com prazer, alegrando-se por ela. No entanto, Ele não é “obrigado” a respondê-la com bênçãos. É necessário perceber que não se trata, aqui, de uma troca de favores, uma barganha ou negociação espiritual do tipo: louvamos a Deus e Ele nos abençoa por isso. Antes, trata-se de uma relação de amor entre o Pai e Seus filhos e filhas, a qual ocorre diariamente no âmbito de nossas mais

diversas experiências humanas. Deus nos abençoa gratuitamente (a Graça é de graça), quando e como Ele desejar. Além disso, o louvor sincero não depende de bênçãos ou de circunstâncias favoráveis para acontecer, mas depende, sim, tão-somente daquele a quem o louvor é dirigido, ou seja, do próprio Deus.

Edificação (pregação da Palavra)

A pregação da Palavra é um momento central no culto, vinculado à Ceia do Senhor. Essa centralidade da Palavra provém de sua relação com o sacramento. Sacramento e Palavra são verso e reverso um do outro. A Palavra se reveste de especial importância quando, no culto, não há a ministração da Ceia do Senhor.

O momento fundamental do culto para a edificação do povo é o da proclamação da Palavra e da sua explanação. Entretanto, todas as partes do culto devem estar em sintonia e em harmonia com o propósito do mesmo, que deverá também ser o da pregação. Os momentos cultuais (Adoração, Confissão, Louvor, Edificação, Dedicção) não são pequenos cultos separados, mas partes integradas de um único culto, que tem, na pregação da Palavra, um dos seus pontos fortes, pois é na edificação que, explicitamente, Deus fala ao Seu povo (Hb 2.20 e Zc 2.13), ao passo que, nos outros momentos, mais especificamente, é o povo que se dirige a Deus (adorando, confessando e louvando).

A pregação da Palavra é tão relevante que exige especial cuidado por parte do pregador e da pregadora. Para essa tarefa não se admite improvisação ou despreparo, por isso compete ao pastor e à pastora, devidamente formado/a, a responsabilidade da edificação da comunidade de fé. Isso não significa que leigos ou leigas não possam ocupar os púlpitos, mas se deve deixar claro que essa é uma competência do clero e que, mesmo quando exercida por outras pessoas, é o pastor ou a pastora, em cada igreja local, quem responde pelo uso que se faz do púlpito.

A Santa Ceia

A Ceia do Senhor representa, também, o anúncio do Evangelho (cf. 1Co 11.23ss). Teologicamente, o centro hierárquico do culto é o memorial eucarístico: o sacramento instituído por Jesus em memória pela oferta de Si mesmo (Seu corpo e Seu sangue) em favor da humanidade. O pão e o cálice são sinais visíveis da Graça invisível. Os sacramentos são meios de graça, pelos quais “Deus realiza Sua obra redentora, justificadora e salvadora, instituída pelos méritos da vida, morte e ressurreição e ascensão de Jesus Cristo: mistério pascal”.

Historicamente, a Ceia do Senhor era celebrada todas as vezes em que os cristãos se reuniam em nome de Cristo. Isso podia ser semanalmente ou, até mesmo, diariamente (cf. At 2.42-47). Por razões práticas, a maioria das igrejas metodistas adotou o costume de celebrar a Santa Ceia uma única vez por mês, e convencionou-se, para isso, reservar sempre o primeiro domingo de cada mês. Não há, entretanto, impedimento para que essa frequência seja maior.

Todos/as os/as cristãos/ãs devem empenhar-se para serem assíduos à “Ceia do Senhor”, preparando-se devidamente, cultivando a comunhão com Deus e com os demais membros da comunidade de fé. Como meio de graça, ao partilharmos o pão e o vinho como memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus se faz presente de uma maneira especial na vida dos/as cristãos/ãs. Na Ceia do Senhor, temos a comunhão com Ele, que se evidencia na comunhão de uns para com os outros.

Dedicação

O povo de Deus, depois da adoração, confissão, louvor, pregação e Ceia, responde ao Senhor, consagrando-se e dispondo-se à missão e ao serviço. A dedicação ou consagração é o momento da resposta à Palavra desafiadora de Deus. Todo culto culmina com o momento do apelo ou do convite ao compromisso com o Reino de Deus.

Cabem, no momento da dedicação, o apelo e o convite. Por meio do apelo, as pessoas são desafiadas a responder ao chamado de Deus, seja para aceitarem a mensagem de salvação, seja para receberem e confessarem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, seja para consagrarem-se ao serviço cristão, seja para renovarem votos, etc. Mediante o convite, as pessoas podem se dirigir ao altar de Deus para fazerem a sua oração de consagração, como resposta à Palavra de Deus anunciada e como expressão da fé e do reconhecimento da presença de Deus. É importante que o culto possibilite esse momento no altar de Deus. Na dedicação, o povo se apresenta perante Deus e dedica-se a Ele e ao Seu serviço.

Cabem também, nesse momento, as súplicas e orações de intercessão em favor de todos aqueles e aquelas que carecem do favor divino e da atenção da comunidade. Ao interceder pelos motivos apresentados a Deus, a igreja afirma a contínua presença divina na vida humana, o que promove a paz, a esperança, a fé, a força e o destemor para o enfrentamento dos problemas que circundam a vida. Elevam-se a Deus, então, orações por pessoas, famílias, comunidades, nações e, enfim, por toda a humanidade, à luz do desafio missionário feito por Jesus: “desde Jerusalém, Judéia, Samaria e até aos confins da terra” (cf. At 1.8).

Este também se constitui como um dos momentos oportunos para o recolhimento das ofertas e dos avisos. As ofertas seriam aqui apresentadas como expressão da consagração pela qual as pessoas oferecem a Deus tudo o que são e o que têm. Quanto aos avisos, podem ser apresentados à comunidade na forma de motivos de oração, pelos quais a igreja deve estar atenta e em atitude de intercessão.

O culto público termina com a bênção impetrada pelo pastor ou pastora que preside o culto ou por clérigo/a por ele/a indicado/a. A bênção final é inspirada na prática apostólica e deve ser trinitária. A fórmula clássica é: “Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus, nosso

Pai, e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco, hoje e para sempre. Amém”. Essas palavras podem sofrer variações, mas sua estrutura trinitária deve ser mantida.

Outros ritos litúrgicos

Há outros ritos, ofícios e atos litúrgicos que, embora não sejam tão frequentes quanto os descritos acima, são igualmente importantes e têm seu lugar no culto quando oportunos, tais como: batismo, confirmação, profissão de fé e assunção de votos; consagração de pastores/as, ordenação de presbíteros/as e sagração de bispo ou bispa; ofícios matrimoniais e fúnebres, entre outros. A Igreja Metodista regulamenta e orienta cada um desses ritos, ofícios e atos em seu Ritual, que deve ser amplamente conhecido por toda a Igreja e, necessariamente, usado pelos pastores e pastoras.

Fórmulas litúrgicas universais e ênfases específicas

A comunidade de fé local deve ter a consciência de que é parte de uma Igreja maior, de âmbito universal. Como corpo de Cristo, que congrega todo o povo de Deus, em todos os tempos e em todo o mundo habitado, a Igreja tem expressões que a identificam como tal, onde quer que esteja reunida. Dentre esses sinais de unidade, destacam-se o Credo Apostólico e a oração do Pai Nosso. Esses devem ser retomados com frequência nos cultos, para cultivar, nas novas gerações, esse sentimento de pertença à Igreja de Jesus Cristo, que é uma e universal.

Da mesma forma, é importante que as igrejas locais marquem sua identidade como comunidades metodistas. Para isso, com frequência, é importante que se retomem, nas liturgias, os elementos que nos identificam e testemunham a nossa história. Assim, é desejável que os hinos da tradição metodista, especialmente os de autoria de Charles Wesley, sejam frequentemente entoados; que as orações e expressões litúrgicas de John Wesley sejam ocasionalmente incluídas; e que sermões do fundador do metodismo sejam eventualmente pregados. Pois

é como Igreja Metodista, com sua identidade e ênfases específicas, que integramos a Igreja de Deus no mundo.

Uma palavra específica sobre a música no culto (hinologia)

Tradicionalmente, os cultos são acompanhados por cânticos e hinos cantados pela congregação e por conjuntos, corais, solistas, duetos, quartetos e outros. Essas participações dão-se em diversos momentos do culto. Com o crescimento do movimento denominado gospel, surgiram, nas igrejas locais, grupos de músicos e cantores que reproduzem método, músicas, estilos e formas de cantar de outros grupos que têm obtido notoriedade em função da indústria fonográfica e de presença na mídia.

A participação dos ministérios de música no culto é positiva e importante; entretanto, em nossos cultos, esses ministérios têm introduzido algumas práticas e conceitos que julgamos inadequados: reducionismo do louvor a cânticos; repetição desnecessária de cânticos; orações e expressões de louvor que se alongam, ocupando grande parte do culto; apropriação da ministração da Palavra por parte de pessoas que não foram preparadas nem designadas para essa função; cultivo de um sentido mágico e supersticioso do “louvor” e da “adoração”; como se tivessem, em si mesmos, poder para produzirem “bênçãos”; exacerbção da emoção em detrimento da razão, etc.

Equivocadamente, uma sequência de cânticos aleatórios e repetitivos tem se constituído no centro do culto. É fundamental que a Igreja, em geral, e os jovens, em particular, entendam que o culto não se restringe ao louvor, e que louvor não se limita a cânticos. Além disso, torna-se imprescindível analisar e avaliar as mensagens contidas nas letras dos cânticos e verificar se estão em harmonia com o todo do culto, com a proclamação da Palavra de Deus e com o momento específico em que tais expressões musicais ocorrem.

Além desse aspecto, os grupos de coreografia, embora bem-intencionados, têm tido o costume de reproduzir expressões

corporais muitas vezes desconexas em relação ao tema da liturgia, da pregação e mesmo do cântico que lhe serve de trilha sonora. É necessário que esses grupos sejam orientados pelo/a pastor/a e pelo ministério de culto (ou de liturgia), a fim de que se evite a promoção pessoal e se atinja a máxima harmonia possível.

Outra questão importante: o Ministério de Música (seria melhor que o Ministério de Louvor fosse assim denominado) é o órgão de coordenação e execução de toda a atividade musical da igreja local. Tudo que se refira à música nesse espaço deve estar relacionado com esse ministério. Mas a música não detém o monopólio do louvor. O louvor compete a toda a igreja, e não a um grupo especializado. É diferente em relação à música, pois essa, sim, carece de especialização e formação teórica e técnica, como o exigem a pregação e a liturgia.

Esse ministério, o de música, deve participar de todos os momentos do culto, e não exclusivamente no louvor, auxiliando a congregação a entoar hinos e cânticos não apenas de louvor, mas também de invocação, adoração, confissão, edificação, ação de graças, comunhão, consagração, bênção, etc.

Temos sofrido a influência de outros grupos religiosos, nos quais o culto se resume a dois momentos: “louvor” (na prática, cânticos de todo tipo) e pregação (que, muitas vezes, não passa de uma série de ilustrações de cunho emocional, carecendo de profundidade bíblica). Compreendemos, bíblica e historicamente, que esse tipo de culto empobrece a espiritualidade e a participação da igreja na liturgia. Além disso, os demais momentos (Adoração, Confissão, Dedicção, etc.) acabam acontecendo de forma desorganizada nesse momento ampliado de “louvor”. Quando o Ministério de Música participa ativamente em todos os momentos do culto, ele não corre o risco de realizar, durante o momento do louvor, um “mini-culto” dentro do culto de toda a igreja.

O pastor, a pastora e o culto

Seguindo as premissas bíblicas, podemos dizer que o ápice do pastoreio se dá na condução da liturgia e no uso do púlpito,

pois é pela pregação da Palavra de Deus que o pastor e a pastora conduzem e orientam o rebanho, o alimentam e o desafiam ao serviço cristão e ao comprometimento com o Evangelho de Jesus Cristo.

O púlpito bem-utilizado e a liturgia bem-orientada facilitam muito o trabalho pastoral. Ser um/a bom/boa pregador/a significa ser um pastor ou pastora que sabe “onde receber a sua mensagem e, ainda, coisa mais importante, sabe a quem vai pregar e para quê”.

A unidade – doutrinária, missionária, pastoral e eclesiológica – passa pelos púlpitos das nossas igrejas. John Wesley procurava supervisionar os pregadores, a fim de que não se infiltrassem doutrinas hostis ao Evangelho de Jesus Cristo e ao movimento metodista. Nós devemos observar como têm sido realizados nossos cultos e o que eles apontam em termos de serviço a Deus. As recomendações pastorais que se seguem têm esse propósito:

1. A recomendação aos discípulos na Igreja Primitiva era a seguinte: “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não; corrige, repreende e exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2Tm 4.2). No texto, encontramos quatro sinais que orientam a proclamação da Palavra de Deus: 1) uma proclamação *urgente* – “instar” tem o sentido de estar sempre pronto e disponível; 2) uma proclamação *contextual* – “corrige, repreende e exorta”, pois a Palavra de Deus é útil para o crescimento na vida cristã; 3) uma proclamação *paciente* – “com longanimidade”, pois o pregador deve ser paciente, uma vez que a responsabilidade pelos resultados é do Espírito Santo; 4) uma proclamação *inteligente* – “com doutrina”, pois a pregação deve ser acompanhada do ensino¹. Nessa expressão está o registro histórico de que a pregação ocupou, ao lado da Ceia, um lugar de destaque entre os primeiros cristãos. Para William Barclay, a “pregação era a principal via de conversão na Igreja Primitiva”².

2. A pregação é o momento no qual o pastor e a pastora alimentam o rebanho e orientam sobre a vida, sobre a fé, sobre o

disciplinado, sobre a esperança, sobre o serviço cristão, sobre a família, etc. Por isso, devem dedicar tempo para a oração, leitura, reflexão, preparo do sermão e da liturgia do culto. A Palavra deve ser visitada assiduamente pelo pregador e pela pregadora, para seu melhor reconhecimento e para ser mais bem-anunciada.

3. O uso do púlpito é de responsabilidade do pastor e da pastora. Nenhuma pessoa deve ocupar o púlpito da igreja sem o consentimento prévio do pastor ou da pastora. É responsabilidade pastoral o que vai ser pregado e anunciado a partir do púlpito, pois ele é o lugar reservado para a proclamação da Palavra de Deus.

4. Os temas bíblicos abordados devem seguir o calendário litúrgico, as ênfases doutrinárias da Igreja e os temas estabelecidos por ela, além de atender às necessidades pastorais das famílias e membros da igreja e da comunidade em geral. As mensagens devem ser bíblicamente fundamentadas. O púlpito é o lugar eminente para a pregação evangélica, e não lugar de abstrações ou discussões teóricas, excessivamente particularizadas e personalistas. A pregação é o momento oportuno para a edificação dos membros da igreja, objetivando-se o trabalho missionário como expressão do serviço a Deus.

5. Compete ao pastor e à pastora orientar e preparar as pessoas que vão participar na direção dos vários momentos dos cultos, inclusive na condução dos cânticos, nos testemunhos, na comunicação de avisos, etc., para que esses momentos sejam inspiradores da fé e da dedicação a Deus.

6. O envolvimento de pessoas presentes na congregação é fundamental para que o culto seja a expressão do povo de Deus como um todo, e não apenas dos dirigentes. Leituras bíblicas, orações e participações programadas devem receber orientação e preparação prévia, para que não haja improvisações grosseiras nesses momentos de expressão da adoração e do serviço para com Deus. Embora muito do que

seja feito na liturgia tenha um caráter espontâneo, não se deve pensar, como alguns o fazem erroneamente, que o Espírito age unicamente nas improvisações. Ao contrário, o Espírito tem poder mais que suficiente para atuar desde muito antes de o culto começar, desde a sua preparação e até muito além da sua execução. Deus mesmo planejou a nossa salvação, antes mesmo da fundação do mundo.

7. Os cultos devem levar em conta as circunstâncias e respeitar a cultura e o contexto da comunidade nos quais são realizados. Da mesma forma como Deus se encarnou em Cristo — e respeitou a língua, os costumes e as práticas do lugar onde viveu —, os pastores e pastoras devem procurar enraizar-se em suas paróquias, identificando-se com a sua gente, contextualizando a Palavra e adaptando a liturgia para a edificação da igreja, o serviço do povo e a glória de Deus.

Ao fazermos essas orientações pastorais, zelamos pelo nosso rebanho e evitamos que confusões doutrinárias, teológicas, eclesiológicas e pastorais sejam inseridas em nossas igrejas. Ao sermos criteriosos para com as pessoas que convidaremos para pregar nas nossas igrejas, exercemos o cuidado pastoral que permeia o ministério ordenado da Igreja. Diante de nós temos a figura do Bom Pastor, que deu a Sua vida por nós, para que a tivéssemos de forma plena e abundante. Que esta mensagem nos impulse a “dar” de nós mesmos, do nosso talento, dos nossos dons, da nossa fé, da nossa esperança e da nossa confiança no poder de Deus e nos valores do Evangelho ao nosso rebanho, para que cada uma das ovelhas cresça fortalecida pelo nosso pastoreio.

CONCLUSÃO

O Colégio Episcopal exorta a Igreja a estudar esta Pastoral sobre o culto na Igreja em missão. Este não é o ponto de chegada, mas a abertura de novos horizontes e a possibilidade de amadurecimento litúrgico das comunidades locais, para que possamos oferecer a Deus o nosso culto vivo, santo e agradável (cf. Rm 12.1), e, ao mesmo tempo, exercer a piedade e a misericórdia como marcas da nossa identidade metodista.

O CALENDÁRIO LITÚRGICO

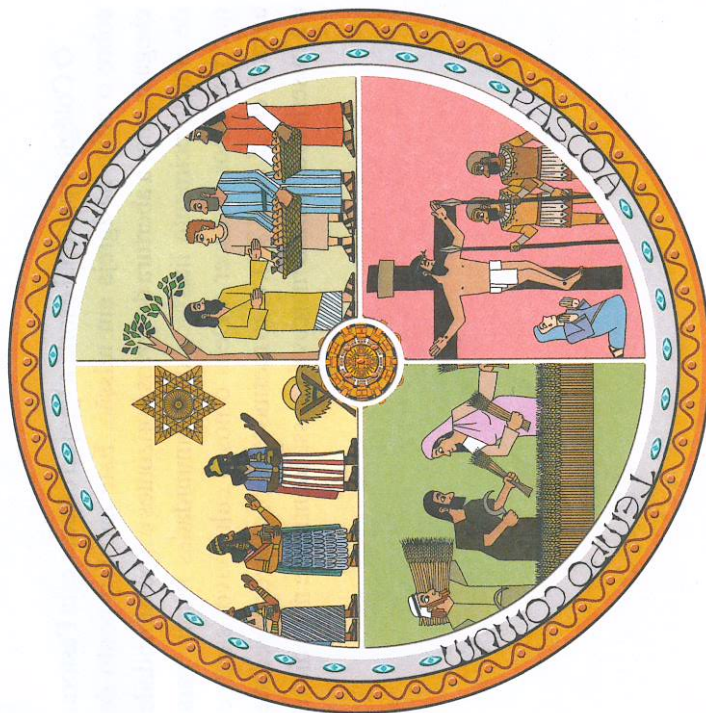
O Calendário Litúrgico, ou Ano Litúrgico, não é uma idéia, mas uma pessoa: Jesus Cristo e o Seu mistério realizado no tempo, que hoje a Igreja celebra sacramentalmente como memória, presença e profecia (cf. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 58). O Ano Litúrgico se baseia, portanto, na história da salvação, cujo centro irradiador é o mistério pascal e a união em Cristo. Esse evento histórico é celebrado como memorial litúrgico, que atualiza a mensagem da salvação e desafia a comunidade de fé na direção da consumação do Reino de Deus. Ao longo dos séculos, convencionou-se uma estrutura para o Ano Cristão que se organiza em quatro grandes ciclos: Natal, Tempo Comum, Páscoa e, novamente, Tempo Comum. Esses ciclos subdividem-se, por sua vez, em tempos específicos conforme explicados a seguir:

CICLO DO NATAL

O Ciclo do Natal corresponde a quatro tempos litúrgicos do calendário cristão, a saber: Advento, Natal, Epifania e Batismo do Senhor. Este ciclo tem início quatro domingos antes do Natal e se estende até o Batismo do Senhor.

Advento

O **Advento** é o tempo que marca o início do calendário litúrgico cristão. Sua origem é documentada a partir do século IV a.C. Semelhante à preparação da Páscoa, *expiação* de



Cristo, o Advento surge como preparação para o *nascimento* de Jesus, o Natal. Advento, do latim *adventus*, significa “vinda”, “espera”. Trata-se de uma celebração cujo foco é a expectativa da vinda do Messias, o Cristo prometido. Nesse período, celebra-se a espera do Messias, e pode ser dividido em duas partes: os dois primeiros domingos enfatizam o Advento Escatológico; o terceiro e o quarto domingos, a Preparação do Natal de Cristo. Dessa forma, o Advento tem a dimensão da expectativa da segunda vinda de Cristo, bem como a expectativa da chegada do Messias que concretiza o Reino, o “já” e o “ainda não”, que significa viver à espera do cumprimento das promessas e renovar a esperança no reino que virá.

A espiritualidade do Advento é marcada pela esperança e pelo aguardo do Messias prometido; a fé na concretização da promessa; o amor que se demonstra com a chegada do Messias e a paz por Ele anunciada e plenificada.

Natal

O segundo tempo litúrgico desse ciclo é o **Natal**. Esta celebração teve sua origem em meados do século IV d.C., entretanto, sua aceitação como festa cristã ocorreu no século VI d.C. O Natal surgiu com a finalidade de afastar os fiéis da festa pagã do *natale solis invictus* (“deus sol invencível”) e passou a significar a chegada do Messias, o “sol da justiça” (cf. Mt 4.2), já anunciado e aguardado no Advento. Natal, na acepção da palavra, significa “nascimento”, entretanto, para as/os cristãs/aos, a partir do século IV d.C., esse significado é ainda mais profundo, pois, com o nascimento de Cristo, celebra-se “o Verbo que se fez carne e habitou entre nós”, o Deus infinitamente rico se faz servo e habita entre os despossuídos da terra. É esse Verbo que atrai para Si toda a criação, a fim de reintegrá-la ao projeto salvífico de Deus.

A espiritualidade desse período enfatiza a humanidade de Cristo e a salvação que nEle é absoluta.

Epifania

O terceiro tempo desse ciclo é a **Epifania**, que surgiu no Oriente como festa da manifestação do Cristo encarnado. Somente a partir do século IV d.C. passou para o Ocidente, a fim de rememorar a visita dos reis magos ao Messias que havia chegado.

Epifania, do grego *epiphaneia*, significa “manifestação”, “aparição”. Antes de tornar-se um termo utilizado pelos/as cristãos/ãs, significava a chegada de um rei ou imperador. A partir de Cristo, tem a conotação de manifestação do divino ao mundo, que no Antigo Testamento era expressa pelo termo “teofania”. Esse tempo celebra a manifestação de Cristo aos seres humanos, no momento em que os reis do Oriente seguiram a estrela em busca daquele que viria a ser o Salvador por excelência. A Epifania é para o Natal o que o Pentecostes é para a Páscoa, isto é, desenvolvimento e permanência do ato de Cristo em favor da humanidade.

A espiritualidade desse período é caracterizada pela manifestação e aparição de Cristo ao mundo. É o Cristo prometido que se torna uma realidade na vida de mulheres e homens que procuram a paz, a justiça e o amor.

Batismo do Senhor

O **Batismo do Senhor** é celebrado no primeiro domingo após a Epifania e representa o início da missão de Jesus no mundo. Esse tempo é parte da manifestação de Jesus aos seres humanos, por isso, trata-se de uma continuidade da Epifania. Diferenciando-se pelo fato de que, na Epifania, é o ser humano (representado pelos magos) que vai a Cristo, ao passo que, com o Batismo do Senhor, é Deus (por meio de Jesus Cristo) que vem até o ser humano, a fim de cumprir Sua missão. Por isso, a espiritualidade desse dia é marcada pela missão iniciada por Jesus em prol dos menos favorecidos e injustiçados.

Com o Batismo do Senhor termina o Ciclo do Natal, dando-se início ao Tempo Comum ou Tempo após Epifania.

Símbolos

Sugerimos os seguintes símbolos para ambientação litúrgica no período do Advento:

- *Coroa do Advento*: simbolizando a realeza de Cristo;
- *Velas*: simbolizando a chegada de Cristo como luz do mundo;
- *Luzes*: símbolo da luz que ilumina as trevas, o próprio Cristo.

Para o Natal:

- *Anjos*: simbolizam aqueles que anunciam o nascimento de Jesus;
- *Crianças*: simbolizando a festa da chegada do menino Jesus;
- *Sinos*: simbolizando o anúncio festivo da chegada do Messias;
- *Presépio*: simbolizando o local do nascimento de Cristo.

E para a Epifania e o Batismo do Senhor:

- *Coroa dos Magos*: simbolizando a procura pelo Cristo prometido;
- *Estrela*: simboliza a luz que aparece no horizonte para a chegada de um novo tempo;
- *Mãos*: símbolo da força de Deus e Sua providência a toda a criação;
- *Presentes*: além do presente maior dado à humanidade, Cristo, simbolizam também os presentes dados pelos magos.

Cores

No **Advento**, usa-se o **roxo**, o **lilás** e o **rosa**. O roxo significa contrição, daí a matização das cores no sentido de ir clareando conforme a chegada do Natal. O rosa, geralmente, é usado no quarto domingo do Advento, que simboliza a alegria.

Para o **Natal**, utilizam-se as cores: **branco** e/ou **amarelo**, símbolos da divindade, da luz, da glória, da alegria e da vitória que o nascimento de Cristo representa para a humanidade.

Na **Epifania**, usa-se o **branco** por oito dias e, após, o **amarelo** até o domingo do Batismo do Senhor.

TEMPO COMUM

Além dos dois ciclos festivos, o “Ano do Senhor” também contempla 33 ou 34 semanas, situadas entre o Natal e a Páscoa. Esse período recebeu a designação **Tempo Comum** por contrapor-se à época festiva do Ano Cristão.

O fato de haver um Tempo Comum ressalta o significado de que Deus não é Senhor somente das coisas extraordinárias, mas também o é do cotidiano. Enfatiza a presença constante e amorosa do Pai na caminhada do povo rumo à plenitude do Reino. A cada celebração, antecipamos a eterna liturgia do céu, para o qual nos preparamos, dia a dia, tanto no tempo festivo como no tempo comum.

Ao longo da história, várias iniciativas foram tomadas no sentido de oferecer alternativas à liturgia do tempo não-festivo. Para exemplificar com algumas das mais recentes e próximas, citamos a formalização, na década de 1930, nos Estados Unidos, de uma proposta que sugeria a criação de um novo período, o “Kingdomtide” (Ciclo ou Tempo do Reino). Essa proposta tem de positivo o fato de enfatizar menos o aspecto eclesiológico-institucional e mais o teológico-missionário do período. Entretanto, a postura mais amplamente adotada pelos protestantes do mundo todo foi a de designar as duas partes do Tempo Comum como sendo “Tempo após Epifania” e “Tempo após Pentecostes”, respectivamente. Na Igreja Metodista no Brasil, o rev. Messias Valverde propôs uma organização do Ano Cristão dividido em Estações Litúrgicas, das quais destacamos a Estação da Criação, com uma preocupação ecológica e escatológica.

Para manter a sintonia com a maioria das Igrejas Cristãs ao redor do mundo, optamos, neste anuário, pela adoção do Calendário Ecumênico mundialmente utilizado tanto pela Igreja Metodista quanto pela maioria das Igrejas Protestantes.

Não obstante, tomamos o cuidado de levarmos em conta as várias contribuições das propostas às quais nos referimos, principalmente no que diz respeito ao desafio ecológico próprio da proposta brasileira da Estação da Criação – relacionado com a Justiça, a Paz e a Integridade da Criação – e a ênfase na centralidade do Reino de Deus, da proposta norte-americana da década de 1930.

TEMPO COMUM – (1ª PARTE)

Anúncio do Reino (Após Epifania)

A primeira parte do Tempo Comum tem início na segunda-feira após a comemoração do Batismo do Senhor e vai até a véspera da Quarta-Feira de Cinzas, quando começa a Quaresma (Ciclo da Páscoa).

Sua espiritualidade enfatiza o *anúncio do Reino de Deus* e visa à esperança e à pregação da Palavra.

TEMPO COMUM – (2ª PARTE)

Vivência do Reino (Após Pentecostes)

A segunda parte do Tempo Comum, que também é o período mais longo, começa na segunda-feira após Pentecostes e dura até a véspera do Primeiro Domingo do Advento, quando tem início o Ciclo do Natal.

Sua espiritualidade comemora o próprio ministério de Cristo em sua plenitude, principalmente aos domingos, e enfatiza a *vivência do Reino de Deus* e a compreensão de que os/as cristãos/as são o sinal desse Reino. Se na primeira parte do Tempo Comum a ênfase é o anúncio, na segunda é a concretização do Reino de Deus.

Símbolos

Sugerimos como material simbólico para a ambientação litúrgica do primeiro período do Tempo Comum:

- A Bíblia (sinalizando o anúncio da Palavra do Reino);
- Os cinco pães e os dois peixes (sinalizando os milagres de Jesus e a solidariedade cristã);
- Sementes / sementeira (sinalizando o anúncio do Reino).
E para o segundo período do Tempo Comum:
- Flores (sinalizando a Criação e a Nova Criação – consciência ecológica);
- Feixe de trigo (sinalizando a colheita e os frutos da terra);
- A pesca / rede com peixes (sinalizando a missão do Reino);
- A mesa (representando a fartura e a comunhão);
- O triângulo (representando o equilíbrio e a constância necessários ao cotidiano cristão);
- A coroa (sinalizando a consumação plena do Reino de Deus).

Cor: verde

Em ambos os períodos do Tempo Comum, usa-se o **verde** como cor litúrgica – sinalizando a Criação, a perseverança e a constância —, que pode ser combinado com o **dourado** (cor da realeza), indicando a combinação da Nova Criação com o Senhorio de Cristo (principalmente na celebração do último Domingo do Tempo Comum, chamado de Domingo de Cristo, Senhor do Universo).

Ciclo PASCAL

Origem

O ciclo pascal, composto por Quaresma, Semana Santa, Período da Páscoa e, encerrando, Pentecostes formou-se a partir de um processo de reflexão e sistematização do cristianismo, que durou do primeiro ao quarto século da era Cristã. A partir desse ciclo se constituiu todo o calendário litúrgico.

Nas comunidades primitivas, era comum a reunião no primeiro dia de cada semana, quando se celebrava a memória

de Jesus. A origem do culto cristão está em torno dessa "Páscoa Semanal", que ocorria no chamado "Dia do Senhor".

Em boa parte por influência do judaísmo cristão, desenvolveu-se uma celebração anual da Páscoa como um "grande dia do Senhor", cuja festa se prolongava por 50 dias, sendo o último o dia de chegada do Espírito, o Pentecostes Cristão; isso já no século II.

No século IV, desenvolveu-se a tradição de reviver e refletir de um modo mais sistematizado os momentos da paixão. Isso deu origem às celebrações da Semana Santa. Desde o século III, as vésperas da Páscoa já eram dias de reflexão. Os catecúmenos, que por dois anos eram preparados, eram, agora, acompanhados por toda a comunidade. Inspirando-se nos 40 dias de preparo de Jesus para Seu ministério, nasceu o período da quaresma. Assim, em torno da celebração da morte e ressurreição de Jesus, desenvolveu-se todo o Ciclo Pascal do Calendário Litúrgico Cristão, marcado pela penitência e confissão, mas também pela alegria e exultação do crucificado e ressuscitado.

Quaresma

Da Quarta-feira de cinzas ao Domingo de Ramos, este período enfatiza a importância da contrição, do preparo e da conversão. Inicia-se no 40º dia antes da Páscoa, sem contar os domingos. O início, na Quarta-feira de cinzas, retorna à tradição bíblica do arrependimento com cinzas e vestes de saco (Jn 3.5-6). É um momento oportuno para refletir sobre a confissão e o valor do perdão de Deus.

Sua espiritualidade enfatiza momentos de preparo na história bíblica geral e da vida de Jesus:

- Quarenta dias de Jesus no deserto (Mt 4.2; Lc 4.1ss)
- Quarenta anos do povo no deserto (Êx 16.35)
- Elias em direção ao Horeb (1Rs 19.8)

Cores: roxo ou lilás

Essas cores enfatizam a preparação, a expectativa, a saudade, a contrição e o arrependimento. Notemos que o roxo é a mistura de uma cor quente – o vermelho – e uma cor fria – o azul. Isso é representativo da tensão própria de um período como esse, quando é central a expectativa do "já" e do "ainda não" do Reino.

Símbolos

- Cinzas, referindo-se ao arrependimento;
- Ramos, lembrando a entrada triunfal;
- Coroa de espinhos e os cravos, lembrando o sofrimento de Cristo.

Semana Santa

Inicia-se no domingo de Ramos. Celebração de Cristo como o Messias, salvador dos pobres, o rei dos humildes. Reflete, passo a passo, os últimos momentos até o ápice da paixão, passando pela instituição da Eucaristia, pelo lava-pés, pela traição, prisão e crucificação do Senhor. Este é o momento da vigília de preparo para a ressurreição.

Sua espiritualidade chama-nos a atenção para os momentos finais de Jesus, até o ápice de Sua paixão:

- A Santa Ceia (Mt 26.17-30);
- O Lava-pés (Jo 13.1-17);
- Jesus no Getsêmani (Mt 26.36-46; Mc 14.26-31);
- O julgamento e a crucificação (Mt 27; Mc 15; Lc 23; Jo 19).

Símbolos

A coroa e os cravos podem ser conservados; também temos o pelicano, que, na falta de alimento para seus filhotes, fere-se para alimentá-los com seu próprio sangue.

Cor: roxo

Particularmente, na sexta-feira, usa-se preto. Essa cor denota a morte e o luto.

Páscoa

É a festa da ressurreição e da libertação. Um novo Êxodo ocorre e a humanidade passa do cativeiro da morte para a vida. Sua solenidade pode iniciar-se já na Quinta-feira (instituição da ceia). Contudo, a celebração da ressurreição começa com uma vigília na noite de sábado, encontrando sua plenitude no romper da aurora, quando Cristo é lembrado como o Sol da justiça, que traz a luz da nova vida na ressurreição.

A espiritualidade norteadora aponta para a ressurreição nos mais variados relatos das comunidades do século I d.C.

- A ressurreição (Mt 28.1-20; Mc 16.1-8; Lc 24.1-12; Jo 20.1-18; At 1.14);
- Cânticos Pascais (Sl 113 ao 118 e Êx 12).

Símbolos

Cruz vazia, túmulo vazio, borboleta (sinal de transformação).

Cores: branco ou amarelo-ouro

Simbolizam a luz, a glória, a alegria, a vitória e a divindade.

Pentecostes

Entre os hebreus, era comum a celebração da chamada “festa das semanas”; isso porque ela se dava sete semanas após a Páscoa. Nela, o povo dava graças ao Senhor pela colheita. Mais tarde, adquiriu mais uma dimensão celebrativa, a da proclamação da Lei (instrução) no Sinai, 50 dias após a libertação do Egito.

Na era cristã, o Pentecostes tornou-se o último dia do ciclo pascal, quando se celebra a chegada do Espírito Santo como Aquele que atualiza a presença do ressuscitado entre nós, dando força para que as comunidades sejam testemunhas de Jesus na história.

A espiritualidade que nos orienta nesse período fala da presença consoladora do Espírito, que semeia nos corações a esperança do Reino de Deus e nos impulsiona para a missão.

- Festa das semanas (Êx 34.22; Lv 23.15);
- Jesus promete o Consolador (Jo 16.7);
- Jesus ressuscitado sopra Seu Espírito (Jo 20.22);
- A chegada do Espírito Santo no dia de Pentecostes (At 2).

Símbolos

Pomba, fogo, vento, água (sinais da presença do Espírito Santo).

Cor: vermelho

Essa cor simboliza o fogo e o sangue dos mártires, é a cor das celebrações do Espírito Santo e da Igreja: Pentecostes.

INDICAÇÕES DE LEITURAS

- ANUÁRIO LITÚRGICO 2006. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006.
- LIMA, Marcos Rodrigues. *O Ministério de Música na Igreja Local*. Belo Horizonte: Instituto Teológico João Ramos Jr., 2005.
- MOSAICO APOIO PASTORAL: Culto hoje, v. 12, n. 31, junho-agosto 2004. São Bernardo do Campo: Editeo, 2004.
- WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

NOTAS

¹ Liturgia é o serviço comunitário celebrado pelo povo de Deus por meio da adoração à Trindade e da solidariedade aos da família da fé e a toda a comunidade humana. É um diálogo interativo entre Deus e os seres humanos e destes entre si, no contexto celebrativo da fé. É, portanto, um serviço comunal – comunitário e comunicacional –, porque é prestado por todos e para todos.” (RAMOS, Luiz Carlos. “Liturgia é comunicação”. *Mosaico Apoio Pastoral*: Culto hoje, v. 12, n. 31, junho-agosto 2004).

² “Culto é adoração e serviço” — um entrar para adorar e um sair para servir” (JARDILINO, José Rubens. “O sermão e seu espaço na liturgia protestante”. *Contexto Pastoral*, v. 5, n. 20, maio-junho 1995, p. 7).

³ RAMOS, Luiz Carlos. “Liturgia: diálogo interativo entre Deus e o seu povo”. In: *Anuário litúrgico 2006*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006, p. 8-12.

⁴ “No Antigo Testamento, uma das palavras hebraicas traduzidas por adoração é *huf* (*shachah*), que significa *inclinarse, curvar-se, abaixar-se*, e é usada no sentido de prostrar-se, adorar, fazer reverência. No Novo Testamento, é usada com o mesmo sentido a palavra *proskunew* (*proskínēō*), que significa *prostrar-se e adorar; reverenciar, respeitar* (Mt 4.10; Jo 4.20s, 23s; 12.20; At 24.11; 1Co 14.25; Hb 11.21; Ap 4.10;

14.7; 19.4). Assim sendo, nas línguas bíblicas, um dos sentidos para adorar é lançar-se com o rosto no chão (prostrar-se), prestar homenagem, reverenciar ou respeitar. Alguns textos a respeito do gesto de prostrar-se: Nm 20.6; 1Rs 18.42; 2Cr 20.18; Sl 86.9; 95.6; Mt 26.39; Lc 5.8; 8.47; Ap 5.14". LIMA, Marcos Rodrigues. *O Ministério de Música na Igreja Local*. Belo Horizonte: Instituto Teológico João Ramos Jr., 2005, p.11.

⁵ Cf. JUNKER, Tércio Bretanha. "A estrutura bíblico-teológica do culto". *Mosaico Apoio Pastoral*: Culto hoje, v.12, n.31, junho-agosto 2004, p. 3-4.

⁶ Cf. idem.

⁷ Ver também SANTOS, Suely Xavier dos. "Herança e esperança: fundamentos para a liturgia a partir de Isaías 6.1-8". In: *Anuário litúrgico* 2006. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006, p. 38-41.

⁸ Ver JUNKER, Tércio Bretanha. "A estrutura bíblico-teológica do culto". In: *Mosaico Apoio Pastoral*: Culto hoje, v.12, n.31, junho-agosto 2004, p. 3-4.

⁹ No Antigo Testamento, existem três raízes primárias de palavras hebraicas traduzidas para nós como "louvor". Vejamos: 1. *hdy (yadah)*: *louvar, confessar, agradecer, reconhecer*. A raiz primária dessa palavra significa *lançar, atirar ou jogar com a mão* (em hebraico, *yad*). É possível que tenha sido usada no sentido de louvor devido ao uso das mãos durante o mesmo, sejam estendidas ou batendo palmas. 2. *lhl (halal)*: *elogiar, louvar, cantar, festejar*. Sua raiz primária significa *resplandecer*, pelo que tem também o sentido de *glorificar* (dar glória, brilho). 3. *tbv (shabeha)*: *exaltar, louvar, glorificar, bendizer*. Uma das palavras gregas que o Novo Testamento usa é *ainew (ainéo)*, que tem o sentido de louvar, exaltar a Deus (Ap 19.5) ou, ainda, de aprovação, reconhecimento (Rm 2.29; 1Co 4.5; Ef 1.6,12,14; 1Pe 2.14)". LIMA, Marcos Rodrigues. *O Ministério de Música na Igreja Local*. Belo Horizonte: Instituto Teológico João Ramos Jr., 2005, p.11.

¹⁰ JUNKER, Tércio Bretanha. "A estrutura bíblico-teológica do culto". In: *Mosaico Apoio Pastoral*: Culto hoje, v. 12, n. 31, junho-agosto 2004, p. 4.

¹¹ Igreja Metodista. *Ênfases Metodistas no Ministério Pastoral*. Série Documentos, n.1, 1980, p.42.

¹² STOTT, John R. W. *Tu, Porém: a mensagem de II Timóteo*. São Paulo: Abu Editora, 1982, p.101-104.

¹³ BARCLAY, citado por FOX, Eddie & MORRIS, G. E. *Anunciemos o Senhor*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1994, p. 22.